

# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores  
ANO XII, nº 93, março/2019

Este projeto é realizado com recursos do  
Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

**FAC**  
FUNDO DE APOIO À  
CULTURA

Secretaria de  
Cultura



GOVERNO DE  
BRASÍLIA

## RONALDO COSTA FERNANDES CEDE À SUA VIGOROSA VEIA POÉTICA EM “MATADOURO DE VOZES”

Antonio Carlos Secchin

**T**rama-se num desalento crônico a tensa e densa poesia de *Matadouro de Vozes*, mais recente obra poética de Ronaldo Costa Fernandes, cuja trajetória de ficcionista, contemplado com alguns dos mais importantes prêmios nacionais (e o internacional, da Casa de las Américas) vem cedendo espaço à sua vigorosa veia de poeta.

O título já propõe um paradoxo: se o poema deseja ser o lugar onde uma voz possa nascer, como, ao mesmo tempo, ele se torna abrigo de um matadouro de vozes? A contradição se desfaz se consideramos o poe-

ma como o espaço onde se fala de tudo que o cerceia e deseja silenciá-lo: é pelo exorcismo da não-poesia, do “matadouro”, que a poesia aspira a (sobre)viver, na condição náufraga de voz a esmo, e, por isso, incapturável ou indomesticável a apropriações de toda espécie. Ronaldo transforma em liberdade o que parece degredo, afirmando, com desassombro, a condição de uma palavra acuada e acusada: “juro dizer a verdade/ nada mais que a poesia”. É essa palavra segregada o objeto de desejo do poeta: “paciente que sou do hospital/ das clínicas poéticas/ onde vivo internado há décadas/ sem previsão de alta”.

Daí decorre a sensação ambígua de desânimo e de recôndito orgulho da própria marginalidade. A consciência de estranhamento frente aos ritos sociais alija o artista dos protocolos da tribo, condenando-o à mais acintosa solidão. Tal relação doída e inamistosa com o que lhe é vizinho patenteia-se, ao longo do livro, já na carga semântica negativa (ou, quando não, neutra) da maioria dos substantivos e adjetivos que nomeiam os textos: egoísmo, lamentações, despojos, lobo, azar, mal, ilusão, negrume, renúncia, néscios, viciados, cínica.

Continuação na página 8

## FÁBULA ANIMAL SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA

Ronaldo Cagiano

**N**ão é de hoje que o mundo animal é tema recorrente e transcendente na literatura como ambiente ficcional, em que o mundo “civilizado, racional e pensante” troca de lugar com o ambiente selvagem, em que uma certa mitologia assume o papel narrativo. Para além da idealização, ainda que alegórica, de outra realidade, a apropriação desse espaço de representação funciona como instância de reflexão sobre a própria condição humana naquilo em que a crueldade fala mais alto. Como exemplo, as fábulas de La Fontaine e Esopo, a antológica presença da cachorra Baleia, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, *Bichos*, de Miguel Torga ou a revolta dos animais em *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell.

Em seu livro *Literatura e Animalidade*, a escritora e professora da UFMG Maria Esther Maciel abordou a temática com seu habitual escrutínio crítico e agudíssimo senso ensaístico, no que diz respeito aos limites entre o racional e o fantástico, percorrendo as fronteiras do humano e do onírico, para situar uma outra voz, capaz de ter lugar e espaço na ficção, para além do alegórico, da caricatura e do surreal. É a percepção de que há humanidade até mesmo numa barata, como em Kafka e Clarice, por exemplo, que resgataram seus papéis na literatura, como podemos ler nos clássicos *Metamorfose* e *O Amor Segundo G. H.* a suscitar no vasto imaginário ou inconsciente dos povos essa dicotomia homem versus animal.

Nesse mesmo diapasão, em clave análoga, a escritora mineira (de Inhapim, radicada em Brasília)

Edna Rezende mergulha nesse universo mítico e ao mesmo tempo instigante, ao propor, nos dez contos de seu novo livro *A Duras Penas*, uma viagem ao insondável mundo das aves, como sugere, metaforicamente, o título da obra.

Pela vida e sentidos intrínsecos e aguçados dos animais que (po)voam em seus contos, a autora extrai a dimensão poética das próprias tensões humanas em dez histórias que realizam uma conexão híbrida entre dois mundos, entre o que é tangível e o que é mágico,

num mundo regido por leis mais simples que o dos humanos, em que o espírito gregário e de solidariedade sobrepõe-se ao individualismo, tão inclemente na sociedade contemporânea, fetichizada pelo deus mercado e pelos apelos do consumo e da ditadura do “ter”, sobretudo quando a cultura de massas ou pela hipnose das religiões seduzem e apequenam os sentimentos.

Continuação na página 10

## A FÁBRICA DE INCERTEZAS - LIVRO PÓSTUMO DE ESMERINO MAGALHÃES JR.

Wilson Pereira

**P**or iniciativa do escritor Napoleão Valadares e pela providencial decisão de seu presidente, Fabio de Sousa Coutinho, a Associação Nacional de Escritores – ANE patrocinou, recentemente, a edição póstuma do livro de poemas *A Fábrica de Incertezas*, de Esmerino Magalhães Jr.

Em vida, Esmerino publicou apenas o livro, também de poemas, *Ir entre os Vivos*, com o qual se tornou conhecido e reconhecido como poeta de mérito no meio literário de Brasília. Sua poesia foi saudada por escritores como Alan Viggiano, Anderson Braga Horta e Almeida Fischer, que destacaram a qualidade de seus versos. Depois ele veio a participar de diversas antologias poéticas do Distrito Federal.

Continuação na página 2

Continuação da página 1

# A FÁBRICA DE INCERTEZAS - LIVRO PÓSTUMO DE ESMERINO MAGALHÃES JR.

Wilson Pereira

**E** smerino tinha personalidade combativa, às vezes enfática, na defesa de seus princípios éticos e de seus ideais políticos, com uma postura ideológica alinhada à esquerda. Gostava de uma polêmica, que sustentava com argumentos embasados numa cultura humanística, filosófica e literária bem fundamentada. E o poeta também tinha essa personalidade contundente, ou seja, o poeta era o reflexo e a expressão do homem. Tinha ele, portanto, personalidade poética bem delineada, de viés contestatório, às vezes exaltada, que se manifestou em muitos poemas. No livro *Ir entre os Vivos*, encontramos, por exemplo, o sugestivo “Notícia de Utilidade Pública”:

#### ATENÇÃO:

Eu tenho em casa oculto  
o meu barril de pólvora.  
Eu tenho em casa o culto:  
o meu barril de pólvora.  
Eu tenho em casa a culpa  
o meu barril de pólvora.

Por favor, não cheguem perto,  
não acendam fósforos!  
Sei que é preferível atender às leis,  
pagar impostos, obter um alvará,  
mas um barril de pólvora no quintal  
(o povo em polvorosa antecatastrofe)  
é iniludível ilegalidade.

O poeta rebelde ressurgiu no livro, agora lançado, *A Fábrica de Incertezas*, com muitos poemas de contestação, entre os quais merece destaque “O Herói da Aldeia” (p. 29), que alveja com ironia impiedosa o carrasco do grande poeta espanhol Garcia Lorca. Eis a última estrofe:

“O sargento que matou Garcia Lorca  
é um velho forte, alto, e na taverna  
mais cresce ainda quando o vinho emborça,  
contando a história antiga aos outros da caterva  
(do moço delicado, trêmulo, de gelo),

quando viril, com seu fuzil e zelo,  
matou de vez a consciência porca  
do sargento que matou Garcia Lorca.

Nessa linha, “Elegia do Inominado” (p. 32, de *Fábrica de Incertezas*) é, sem dúvida, a expressão mais veemente e mordaz do poeta, poema no qual ele dirige sua ira contra um torturador (que prefere não nominar), cuja alma ele recomenda a Satanás, conforme se nota na última quadra: “Me-fítico Senhor da Noite Escura,/ recebe em teus infernos o inclemente/ ladrão dos gritos loucos de tortura/ daqueles que ousaram ir à frente”.

A verve crítica do poeta abarca outras situações como a subserviência de servidores públicos à hierarquia do Poder, à qual ele se recusa obedecer, como se nota no poema “Ode de contestação à ordem e à hierarquia” (p. 62, do mesmo último livro), que assim se inicia: “Nasci liberto da obediência a tudo./ Odeio a hierarquia em quaisquer faces.”

Apesar desse veio inflamado e, também, da exploração de temas e situações do cotidiano, a poesia de EMJr. não é prolixa nem escorre para o discurso da prosa, porque, antes, é domada pelo ritmo cadenciado do verso, além de ser erigida numa linguagem intencionalmente poética, com metáforas, antíteses, aliterações, assonâncias e, ainda, marcada por rimas e semirrimas de bom gosto.

Nem só de protestos e insubordinação se nutre o poeta. Ele adota temática diversa: escreve poemas de tom lírico-amoroso, outros sobre aspectos da natureza, sobre cinema, sobre música. Há incursão na questão filosófico-existencial e, até, uma referência (e reverência) à Quadra em que viveu por muito tempo em Brasília (poema “315 Norte”, p. 28).

Se com *Ir entre os Vivos* Esmerino Magalhães Jr. já teve registro nos anais da literatura brasileira, agora a publicação de *A Fábrica de Incertezas* vem reavivar e consolidar seu nome como poeta definitivo. Esmerino, o homem, deixou este mundo em 1996, mas o poeta continua indo entre os vivos.

## Soneto do Mês

### PÓRTICO

Silveira Neto



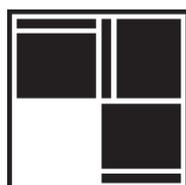
Versos – mendigos de mantos reais –,  
Ide, que vos esperam sete espadas.  
Fugi aos olhos d'oiros senhoriais:  
Antes a prece aldeã pelas estradas...

Ide arrastar o meu burel de monge;  
(Quanta saudade esse burel traduz...)  
Se encontrardes o Mundo, tende-o longe,  
Porque os seus braços são braços de cruz.

Direis a uns Olhos – Olhos onde a sorte  
Pôs meu Ser a rezar, como em altares –  
Que me vou de caminho para a Morte.

E a Morte... essa verá, na triste hosana  
Do poente roxo que orla os meus olhares,  
Como anoitece uma existência humana.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA  
2017-2019

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo  
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha  
Secretário-Geral: Roberto Nogueira Ferreira  
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto  
2º Secretário: Joel de Medeiros

1º Tesoureiro: Salomão Sousa  
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza  
Diretora de Biblioteca: Sônia Helena  
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira  
Diretor de Divulgação: Paulo José Cunha  
Diretor de Edições: Afonso Ligório  
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 93 – março/2019

#### Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

#### Revisão

Napoleão Valadares

#### Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,  
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e  
Fabio de Sousa Coutinho

#### Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.  
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738  
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

M. Paulo Nunes

No processo de releitura dos ícones da literatura de língua portuguesa, iniciado há algum tempo já, com Machado de Assis, voltei mais uma vez, (até quando?) à *Ilustre Casa de Ramires* do velho Eça, um de seus últimos romances, juntamente com *A Cidade e as Serras*, que ele sequer chegou a rever, antes de sua publicação, porquanto a morte o levaria cedo.

Fidelino de Figueiredo, que o coloca entre os grandes livros de Eça, da última fase, põe-no acima de *Os Maias*, que considero sua obra-prima e apenas, do ponto de vista histórico, situado na fase realista, escola que apenas lhe serve de modelo, como técnica de composição literária, como também serviria ao Machado de Assis da segunda fase. Mas *A Ilustre Casa* é também um grande livro e nele o romancista, pelo menos para os patriotas, como Pinheiro Chagas e os outros, estabelece o seu reencontro com as suas raízes, não apenas porque reconstitui, através da crônica que Gonçalo Mendes Ramires está escrevendo sobre os seus avós afonsinos, essa *Torre de D. Ramires*, mas pelo declarado amor à terra portuguesa. O episódio nuclear, como é bem de ver, são os feitos do façanhudo Truetezindo Ramires, uma figura moldada pelo romancista em bloco de granito, e sua terrível vingança contra Lopo de Baião, o Bastardo, que lhe mata o filho Lourenço, às portas do castelo, como vingança pela recusa da mão de D. Violante, a filha mais nova do senhor de Santa Irenéia.

Ao lado desse passado que ele reconstitui com segurança, em estilo adequado à época, conta as peripécias da vida de Gonçalo, em Vila Clara, onde se localiza a Torre de Santa Irenéia, edificação mais antiga que o Reino, com as suas preocupações atuais, as suas diatribes contra o governador civil, André Cavaleiro, com quem depois se reconcilia por interesse, visando a uma cadeira no Palácio de São Bento, em substituição do velho Sanches de Lucena, que morre inesperadamente, suscitando uma profunda inquietação no fidalgo da Torre, que lhe deseja o lugar. Desejo este soprado em uma noite de cavaqueira pelo amigo João Gouveia, o administrador do Conselho, e lhe acende também o desejo de posse da bela viúva, D. Ana de Lucena, não só pela beleza, mas ainda pelos duzentos contos que lhe ficam de herança, união que se frustra com a informação supostamente veraz do amigo Titó, o Antonio Vilalobos, de que ela tivera anteriormente um amante.

A eleição é tranquila, dada a popularidade do fidalgo da Torre que sequer necessitaria das concessões feitas a contragosto ao poderoso André Cavaleiro, em tudo movido por um capricho, o de obter os favores da ex-namorada e irmã do protagonista, Gracinha, já então casada com o José Barrolo, que reside em Oliveira, no belo palacete dos Cunhais.

Depois, a grande surpresa. O novo deputado por Vila Clara mal tem assento na cadeira de São

Bento, abandona tudo e parte para a África, seguindo o destino de seus avós, e vai cuidar de uma concessão de terra, ou “prazo”, para usar a linguagem da época, e ao final do romance está ele, depois de quatro anos, de volta à terra e à velha Torre, onde o aguardam os amigos, inclusive o santo homem Pe. Soeiro, para uma geral confraternização. Um saco de espantos, como personagem, esse Gonçalo Mendes Ramires.

O já citado Fidelino de Figueiredo, em estudo sempre lembrado, de seu livro *Últimas Aventuras*, afirma que em Eça, “arte é estilo”. Como lembra Álvaro Lins, em sua *História Literária de Eça de Queiroz*, que assinala sua estreia literária, em 1939, “a perfeição que ele procurou a vida toda, com um sofrimento de desesperado, foi a perfeição pelo estilo.” (Ob. cit., p. 159)

É ainda do autor do *Jornal de Letras* a observação de que para Eça de Queiroz “o meio de expressão condensa, assim, todas as possibilidades e recursos do seu *métier*. Concentra-se no estilo perfeito o fundo do seu sofrimento. O sentimento de construir a vida, os fenômenos morais, as paisagens, de levantar um mundo, em movimento, com os elementos, em si mesmos mortos e parados, das palavras.” (Ob. cit., p. 151)

Tarefa que ele exemplarmente cumpriu em seus romances, de modo especial, neste que constitui um modelo de estilo perfeito e um convite à boa leitura.

# RILKE, RODIN E AS PEDRAS QUE FALAM

Vera Lúcia de Oliveira

Quem não teve a suprema felicidade de ficar face a face com as esculturas de Rodin não precisa ficar frustrado. Há como reparar essa falta: é só pegar o livro (centenário) *Auguste Rodin* (Ed. Nova Alexandria), do poeta alemão Rainer Maria Rilke, e se preparar para “ver” não só as esculturas, mas também os desenhos e ilustrações do maior de todos os escultores franceses dos séculos 19 e 20. Outros podem ter se igualado a ele, como a discípula e amante apaixonada de triste fim Camille Claudel, mas ninguém o superou. O livro de Rilke nos atesta isso. E assina embaixo.

Nesse livro maravilhoso, podemos inverter a máxima que diz que uma imagem vale por mil palavras. Aqui, meia dúzia de palavras dessa pequena obra-prima basta para nos revelar toda a potência e beleza das principais esculturas do mestre, que bebeu na fonte do “Divino” e também solitário trabalhador incansável, Michelangelo (que tem anjo no nome), por quem era absolutamente fascinado e a quem pode ter homenageado com *O homem do nariz quebrado*; igualmente encantado com Dante e Baudelaire, sorveu cada gota da arte desses poetas trágicos e raros, criando a sua própria expressão da realidade. Como um quiromante, Rilke “lê” as *Mãos* de Rodin e vê a vida que se contorce, que reclama, que grita pelos nervos, pelos gestos que as fazem vivas. Que cria, como *A mão de Deus*. Quando fala de *O pensador*, aquele homem (Dante) sentado sobre a *Porta do inferno* segurando o queixo, abismado com a multidão de sofrendores a seus pés, ele nos dá o que pensar: nada poderia ser mais humano, nada nos distinguiria mais dos animais irracionais do que aquele ser usando seu cérebro, preocupado, ou cheio de culpa talvez – o que, segundo Freud, nos torna mais humanos; para Rilke, no entanto, é o seu corpo que pensa, naquela posição agachada. A descrição de Rilke emociona porque é também humana, subjetiva, na contramão da análise puramente técnica. É um poeta, grande poeta, vendo as esculturas de Rodin rebentar das entranhas da pedra onde se achavam prisioneiras, vendo-as surgir plenas de vida, libertando-se como a ave que sai da casca do ovo. Um parto. Precisam nascer. Quando fala de *O beijo*, a sensualidade das palavras complementa a obra, amalgamando-se num processo poético indissociável. Não que a escultura precisasse de explicação, pois é perfeita e autoexplicativa, mas Rilke joga um canhão de luz que quase nos ofusca de tanta beleza. Benditas palavras que fazem mais que falar: fazem-nos ver. E, quando pensamos que não há mais como elevar a nossa emoção, ele analisa *Os burgueses de Calais*. Esses seis homens que não pestanejam nem um segundo em dar a vida pela cidade fran-

cesa vítima do cerco dos ingleses, em 1347, durante a Guerra dos Cem Anos. Rodin não poderia deixar de immortalizar o momento em que esses próceres quase mártires da pequena cidade ofereceram suas vidas em sacrifício patriótico. Juntou-os em dois grupos e deu-lhes um caráter individualizante, de acordo com o que cada um poderia estar pensando ou sentindo naquele que seria o último instante de vida. Segundo o poeta Rilke, o velho do grupo anda pesado, arrastando com os pés os anos vividos; muito sério, o moço, apertando a chave da cidade como se a estrangulasse, resistindo a entregá-la ao rei inglês Eduard III, pensando no tempo que ainda teria para viver e que estaria acabado daí a pouco; os dois irmãos, lado a lado, numa fraternidade até o último momento, fazendo um pacto talvez para continuarem juntos na eternidade... Outro homem levanta a mão, gesto que Rilke compara com o de soltar um pássaro para voar para a liberdade. (A morte como libertação?) Aí acontece uma verdadeira epifania. Beleza pura!

E Rilke não para de nos surpreender: temos *Balzac*, a quem Rodin “perseguiu” numa pesquisa quase maníaca para apreender o seu interior. Só quando o viu por dentro, immortalizou-o na pedra. Assim, Balzac, que já era imortal em sua obra, tornou-se mais uma vez parte da natureza - pedra. E espírito. (Mas foi incompreendido e rejeitado pela crítica porque parecia estar no meio de um ciclone...) E assim também foi com o monumento a *Victor Hugo*, com *A voz interior*, que alguém chamou de “anatomia do pensamento”, com a belíssima *Danaíde* cuja cabeça mergulhada nos seus cabelos soltos é de tirar o fôlego de qualquer um... E muitas, muitas outras obras.

Neste momento em que a arte vem sendo achincalhada no Brasil, é oportuno perguntar: para que serve a arte? Como resposta, vamos buscar auxílio em quem muito entendeu do assunto no nosso país, Ferreira Gullar. A arte comove, diz o poeta. Só isso. A arte, diferentemente da ciência que ensina, nos torna mais humanos. E a arte existe porque a realidade não basta, disse ele ainda. A vida sem arte é um deserto, dizemos nós. A utilidade da arte é a de nos tirar de um mundo estéril e colorir nossos sonhos e pensamentos, enchendo de beleza a nossa curta existência. Sem a arte seríamos como aqueles bois do poema de Baudelaire, tristes, fustigados pelo ferrão da existência. Assim, bendita seja a arte que eleva o nosso espírito às alturas que ele jamais atingiria sozinho; e benditos sejam esses artistas que nos guiam pelo caminho que só os predestinados conhecem.

Na beleza da arte de Michelangelo e de Rodin, podemos ver a face de Deus...



### LANÇAMENTO DO LIVRO *NEW BRAZILIAN POEMS*

A ANE sediou, no último dia 17 de janeiro, o lançamento da obra bilíngue *New Brazilian Poems*, reunindo traduções de poemas de 60 escritores brasileiros, a cargo do diplomata e poeta indiano Abhay Kumar.

Na foto, um grupo de autores aparece em companhia do Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, e do tradutor dos poemas, Abhay Kumar, que está de partida de Brasília, após três anos de missão diplomática em nossa cidade.

## DIPLOMACIA, CULTURA E POESIA

*Fabio de Sousa Coutinho*

O lançamento de hoje, na sede da ANE, é o ponto culminante de uma trajetória exemplar, trilhada pelo poeta, intelectual e diplomata indiano Abhay Kumar, nos últimos três anos, em Brasília. Abhay exercitou entre nós, com resultados evidentes, uma das formas mais nobres da diplomacia, a saber, a aproximação dos povos pelos laços culturais, tendo sempre presente que a cultura é o derradeiro baluarte da democracia, valor universal. Contemporaneamente, pode-se afirmar, sem receio de erro, que a militância cultural se liga à própria resistência democrática em todos os quadrantes do planeta em que nos é dado usufruir o dom da vida.

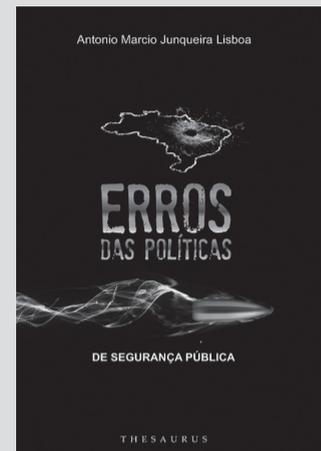
Esta casa de escritores, assiduamente frequentada por Abhay desde que chegou ao Brasil, nos primeiros dias de 2016, está honrada e orgulhosamente representada pela participação de muitos de seus associados no precioso *NEW BRAZILIAN POEMS*, não podendo deixar de mencionar, a título exemplificativo, um trio de fundadores da ANE composto pelos grandes poetas brasileiros Astrid Cabral, José Santiago Naud e Anderson Braga Horta, este último aqui presente, para nosso maior gáudio, e pela ex-presidente Kori Bolivia. Outra entidade local, igualmente apoiadora deste jubiloso evento, a Academia Brasiliense de Letras tem quatro de seus membros entre os poetas de todos os rincões de nossa pátria selecionados pelo editor e tradutor da obra cujo lançamento ora se celebra: Margarida Patriota, Ronaldo Costa Fernandes, João Carlos Taveira e o já mencionado Anderson Braga Horta.

Ao fazer um *aggiornamento* do trabalho de Elizabeth Bishop, Abhay Kumar expandiu a iniciativa, que data de 1972, da formidável poeta americana, quadruplicando e renovando, por completo, a seleção original de apenas 14 poetas. No livro que em breve todos teremos em mão, o critério editorial foi o aproveitamento de poemas, em número significativamente expressivo, assim como, por conseguinte, o de poetas incluídos na obra, que chegou a 60. É livro que distingue sobremodo quem o organizou e editou, quem nele figura, quem vai ter o privilégio de sua leitura, e que se insere, de plano, no âmbito das melhores conquistas que a prática da diplomacia bilateral, fundada em inabalável honestidade intelectual, plantou no Brasil, nos dias que correm.

Tenho a particular satisfação de passar a palavra a Abhay Kumar, para a esperada manifestação do verdadeiro dono desta festa de corações apaixonados pela arte poética que se produz em nosso país.

Muito obrigado.

## ADQUIRA NOSSOS LIVROS



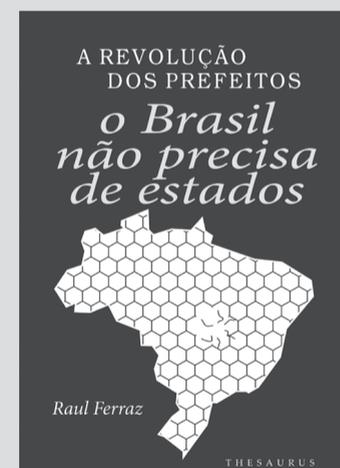
### ERROS DAS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Dr. Marcio Junqueira Lisboa  
248 páginas



### A REDESCOBERTA DO BRASIL

O Barco do Rei  
Afonso Ligório  
280 páginas



### A REVOLUÇÃO DOS PREFEITOS

O Brasil não precisa de estados  
Raul Ferraz  
176 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

[WWW.THESAURUS.COM.BR](http://WWW.THESAURUS.COM.BR)

*Frete grátis para todo o Brasil*

*Ou ligue: (61) 3344-3738*

# MULHERES E MITOS

Raquel Naveira

**H**á uma base biológica na diferença dos sexos. Sou fascinada pelo antigo mistério e fascínio da mulher, seu poder esmagador que é ser mãe. Hoje sinto uma estranha passagem da magia do ventre para a magia da cabeça, como nos explicou a filósofa ítalo-americana, Camille Paglia, em seu livro *Personas Sexuais*. A agressiva mulher moderna se esquece de que usa para atacar a cultura patriarcal a linguagem e a lógica inventadas pelo homem. Inflamadas por uma independência ilusória, suprimem sua dívida com os homens por causa da magia da cabeça. Desejam racionalidade e tecnologia. Negam as forças brutais do sexo e da natureza. Rejeitam a contingência das limitações humanas. Em busca de uma nova identidade, exaltam o individualismo, tacham a sociedade como opressora, enquanto esperam que o governo seja provedor material. Sem sociedade, estaríamos jogados nas tempestades, nos incêndios, na barbárie. As feministas simplificam o problema do sexo a uma questão de convenção social. Quando os controles da sociedade enfraquecem, a crueldade vem à tona. Quando pensamos que podemos fazer tudo que queremos, sem barreiras ou interditos, achamos a liberdade intolerável. Buscamos então outros meios de nos escravizar através das drogas, da depressão, do sadomasoquismo, da perversão, da violência. O sexo é impulso primitivo, tocado por fantasmas e sombras.

Nascer da cabeça do pai e não do ventre da mãe é a inspiração de um mito greco-latino: o surgimento da deusa Minerva (ou Atena). Ela nasce da cabeça de Zeus (ou Júpiter). Zeus andava pelas margens de um lago e, repentinamente, sentiu uma dor insuportável. A cabeça latejava e ardia. Milhares de punhais escavaram seu cérebro com pontadas. Os gritos desesperados sacudiram a Terra. Hefestos (ou Vulcano), o ferreiro divino, vibrou no ar o martelo de ouro e golpeou o crânio de Zeus. Da ferida aberta, surgiu uma mulher belíssima, vestida em reluzente armadura. Na cabeça, ostentava um elmo. Nas mãos, o escudo e a lança. O céu relampejou. Os imortais ergueram-se perplexos. O coração do pai pulsava de orgulho e contentamento. Atena (ou Minerva) era deusa sábia, civilizadora. Velava pelos gregos nas lutas e no trabalho com barcos e rocas de fiar. Era justa, tinha ideais elevados e pacíficos. Sua castidade era sinônimo de audácia e autonomia em relação ao homem. Estava, com certeza, no princípio da

ciência e da indústria ocidentais, que tiraram as mulheres do lar e as levaram às fábricas de tecidos.

Madame Curie (1867-1934), a cientista polonesa naturalizada francesa, que conduziu pesquisas pioneiras no ramo da radioatividade (termo que ela mesma cunhou), foi a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel. Casada com o também cientista, Pierre Curie, com quem teve duas filhas, sofreu a influência de um pai professor de Física e Matemática. Viveu imersa num laboratório, entre tubos de ensaio, analisando fórmulas, sais de urânio, descobrindo elementos. Faleceu aos 66 anos, de leucemia, causada provavelmente pela exposição à radiação. Conseguiu se sobressair num sistema masculino imaginado para dominar a natureza. Nasceu, como o mito de Minerva (ou Atena), da cabeça do pai.

Ainda conforme Paglia, “o atual avanço da mulher na sociedade não é uma viagem do mito para a verdade, mas do mito para um novo mito.” A mulher nunca é plenamente racional. Ela se vê diante de uma puberdade difícil, uma vida marcada por ciclos menstruais, fases da lua, partos, cordões umbilicais que saem de sua placenta, menopausa, fenômenos que afrontam a beleza e trazem espanto e terror. Por isso são realistas e dissimuladas na sedução. Conhecem o lado oculto e borbulhante das entranhas.

O instinto de fecundidade, de umidade, de chuva de primavera, está presente no nascimento da deusa Vênus (ou Afrodite), transformado em imagem num famoso quadro do pintor renascentista italiano Botticelli (1445-1510). Ela emerge das águas do mar, nua, docemente amparada numa grande concha de madrepérola, os ventos soprando com leveza sobre seus loiros cabelos adornados com singelas violetas. É a feminilidade que volta para a quietude e a contemplação; que responde, vulnerável, à liderança e autoridade do pai, cheia de aconchego e capacidade de reconciliação de conflitos.

E Eva? A vivente, a alma, a “zoe”, criada a partir da costela de Adão? Ah! Essa estava dentro do homem, um duplo de seus cromossomos, feita do mesmo barro vermelho. Criatura imperfeita, sem perspectiva de eternidade, prestes do fim. Capaz de errar, de enganar, de cortar e restabelecer elos de interação com seu Criador. Ela sim, a natureza, a mãe, os frutos, os seios, o ventre. Continuo fascinada com o mistério de ser mulher. A mulher forte e frágil que Deus me criou para ser.

## JERUSALÉM DE TAIPA

Valfredo Melo e Souza

**A** Festa Literária Internacional de Paraty – 2019 homenageia, no centro do pódio, o autor Euclides da Cunha (1866-1909). Revérberos do escândalo que matou o escritor nos saltam à memória: “*Manhã de 15 Ago 1909. Chuvisca. Rua Belmira número 55 residência do Dr. Sylvio Capanema. O médico recebe notícia que deveria, a galope, acudir pessoa baleada à Estrada Real de Santa Cruz (Rebatizada Av. Suburbana, atual Av. D. Helder Câmara – Piedade, RJ). Capanema segue rapidamente. Número 214. Entra na casa pela lateral. No quarto, homem morto e mais dois feridos. Dr. Sylvio presta socorro. Momentos depois entende o acontecido: Euclides da Cunha, escritor de fama, fora ao encontro de Dilermano de Assis, jovem alferes que, convivendo com D. Ana, esposa de Euclides, apaixonou-se e mantém romance cujo desfecho trágico já é sabido por todos*”.

Embarco para Belo Monte, a Terra Prometida, a Jerusalém de Taipa, a cidade de pau-a-pique dos sertanejos de Canudos para sentir o movimento que eclodiu junto às vertentes positivistas no Brasil, semeadas por Augusto Comte, que tratava de dados e fenômenos objetivamente constatados. Esta foi a ótica do celebrado escritor de *Os Sertões*, jornalista enviado pelo jornal *Estado de São Paulo* para cobrir a Guerra de Canudos. Euclides era positivista e antimonarquista reconhecido.

Nesta posição é que ele fez a cobertura documental do conflito. Um grande painel social do país. Nota-se que na obra estão excluídas as causas e as origens dos jagunços revoltosos. O jornalista foi um fiel espectador. Pintou um retrato sócio-político e cultural dos mais completos de nossa pátria. Observa-se nas entrelinhas uma procura de alternativas para mudança da sociedade na República emergente onde as soluções eram apontadas pela religião. Politicamente um movimento de renovação republicano, renovação das teorias e da organização política do país sob um regime hierárquico rigoroso. Assim se ouve dizer: Canudos é o Cosmos. Euclides, um grego. O Sertão, um anfiteatro.

Emerge um aspecto messiânico do movimento, repleto de versões e de lendas. Antônio Vicente Mendes Maciel, nascido em Quixeramobim, Ceará, 13 de março de 1830 (o beato Antônio Conselheiro) foi a figura central do episódio. Como Lutero que queimou as bulas papais condenatórias ele queimou os editais do governo central que autorizavam cobrança de impostos nos municípios, uma sobrecarga na sofrida população pobre. Foi perseguido por policiais e interna-se no sertão com cerca de duzentos fiéis. Desbarata a força policial perseguidora e acanтона em Belo Monte (Canudos), onde se estabelece.

Com sua tropa constrói um arraial que se constituiu em uma “Cidade Santa”: “A Jerusalém Celeste” do Apocalipse de João. Para lá convergem milhares de romeiros formando uma comunidade de características socializantes, como a posse comum de terra, dos rebanhos e dos produtos. Uma fortaleza de jagunços. O Conselheiro faz pregações onde acusa o governo da República deixando a nítida impressão de ser monarquista. “*Fake News*” são disparadas pelos republicanos. Em face disto o grupo é severamente perseguido.

Os fazendeiros da região sentindo-se ameaçados solicitam a intervenção do governo estadual. Em 1896 uma força com cem homens do governo da Bahia, foi surpreendida pelos jagunços na região de Uauá que, após sangrento combate, pôe-se em debandada.

O governo federal, alarmado, investe mais forte e prepara uma expedição, agora com quatro mil homens, comandada por um general de brigada. Mesmo assim as baixas foram de grande porte. Morre o beato Antônio Conselheiro em 22 de setembro de 1897. Em 5 de outubro cessa a vida vegetativa na “Cidade Santa”. Canudos não se rendera, porém, no dia seguinte, a Jerusalém de Taipa estava totalmente arrasada e incendiada.

# DE JANELAS, PORTAS, PORTAIS E OUTRAS PASSAGENS

*Gilmar Duarte Rocha*

Janela hoje está na moda. Aliás, várias janelas, como em todo aplicativo de mídia digital que a gente acessa. Para ler um e-book; para pagar a conta no banco através do aparelho celular; para extrair ou enquadrar uma fotografia; para reservar uma passagem aérea; para selecionar o quarto mais adequado da estalagem; para seletar o carro melhor apropriado para utilizar em outro estado ou país; para ver as características do filme ou disco que se está namorando em adquirir no futuro, enfim têm-se que trafegar em janelas, janelas e janelas. Às vezes, em alguns sites na internet, a gente se perde em transitar por tantas janelas, que se explodem na sua tela como flor que desabrocha em vários botões. Janela se tornou símbolo de passagem para o futuro.

Mas, pensando bem, janela é passagem?

Em outros tempos janela não tinha essa acessibilidade toda. O que dizer da Carolina que escolheu guardar as dores do mundo estacada no batente de uma janela e não viu que o tempo passava. O personagem Jeffries do filme "Janela indiscreta", de Hitchcock, enquanto se restabelecia de um trauma na perna, aproveitou a ociosidade para bisbilhotar vidas alheias no prédio vizinho usando um binóculo e terminando por desvelar um crime acidentalmente. "A mulher na janela", best-seller de A.J.Finn, que virou filme e faz muito sucesso agora, conta a história da personagem Anna Fox, que passa por problemas psicológicos e vai viver a vida em uma janela tentando capturar a vida alheia em seu entorno e termina também descobrindo que aconteceu um crime na vizinhança. Só que dessa vez, diferentemente da personagem Jeffries de James Stewart, ninguém, nem mesmo a polícia acredita que realmente ocorreu um homicídio. Até ela mesma começa a duvidar que aquilo possa ter acontecido de fato.

Janela, em outros tempos, sempre foi sinônimo de constrição, de restrição, de repressão, de detenção, e de outros termos afins.

Em tempos de antanho, ao se construir uma casa, mormente uma vila, uma mansão, projetava-se o número de portas que a residência deveria ter. Quanto mais portas a propriedade tivesse, mais sofisticada, chique e valiosa ela era. Janelas? Bah! Bastava colocar uma seteira em cada quarto que estava de bom tamanho. Se a filha preciosa da família tivesse o desejo de ter uma abertura externa no seu quarto para poder contemplar a natureza, a alvorada, os pássaros, os lírios do campo, o patriarca da família satisfazia o ego da Rapunzel mandando construir um balcão, que tinha mais significado de trampolim para suicídio (ou ataque fortuito de algum Don Juan) do que de mirante de contemplação.

Tribunais cercavam-se de portas (exceto para a dependência do réu, é lógico, que após o julgamento, veria o sol nascer quadrado através de uma pequena abertura na parede); a câmara legislativa da cidade tinha porta até onde não deveria ter, até mesmo no ambiente subalterno onde os ardis e artimanhas eram traçados; as igrejas cercavam-se de portas em todos lados, ângulos e vértices. Porta principal para o cristão fazer a mandatória benzedura; porta lateral para o fiel (nem tanto fiel assim) que saía, cartesianamente falando, pela tangente, para tomar um trago no bar ao lado, enquanto o padre engolia uma taça de vinho batizado na hora da eucaristia; porta dos fundos para uma possível fuga de um sacerdote acuado pela mi-

lícia pretoriana que o julgava comunista, ou por um grupo de trotskistas que o reputava como reacionário, conservador ou discípulo da astúcia de Richelieu ou do cardeal Mazarino.

Agora não se fala mais em janelas e portas; fala-se em portais. Não os portais que se encaixam na sua etimologia original que consistia nos imensos pórticos, portas amplas dos templos da Antiguidade. Portal virtual. Sim. Passagens para o futuro, para outra dimensão ou para um lugar remoto, onde a pessoa para adentrar nessa portela futurística, carecerá, apenas, mineração de seus bitcoins; encaixar a íris dos olhos no aparelho sensor para obter o bilhete holográfico e cruzar uma tela virtual rumo ao Novo Éden.

Janela, portais e portas. Não importa a abertura. Em qualquer tempo, em qualquer lugar, em qualquer dimensão, ela terá serventia, de fato, se estiver aberta. Como dizia o saudoso Vicente Celestino:

"Porta aberta  
Por Jesus de Nazaré  
Desvendou-me o bom caminho  
Hoje é meu doce ninho  
Novamente deu-me a fé  
Porta aberta  
Já não vivo mais ao léu  
Porta aberta  
Ao transpor-te entrei no céu  
Porta aberta  
Nunca mais hei de esquecer  
Que és na terra minha luz  
És o bem que me conduz  
Desde o berço até morrer!"

## TRAGÉDIA NO VALE

*Pedro Manzke*

Nas brumas do vale,  
Há ecos da sangria.  
Não há dor que se cale,  
Lá sumiu a alegria.

Quanto vale uma vida.  
Para sempre perdida?  
Como é caro o minério,  
Flores no cemitério.

Quanto vale o tristonho,  
Fim amargo de um sonho?  
O povo ultrajado,  
Vale enferrujado.

Mas a aurora vai voltar,  
Mais sólida que o ferro.  
Os campos vão brilhar,  
Com esplendor sincero.

## MINHA VIDA DARIA UM ROMANCE

*Ana Miranda*

A vida de cada um de nós é uma série de acontecimentos inesperados, maravilhosos, terríveis, incontroláveis, muitos deles inexplicáveis, que nos causam a sensação de que nossa vida daria um romance.

Alguém que veio do sertão para a cidade; o grande amor entre jovens que se separam e se reencontram décadas depois; a saga do pai assassinado em lutas políticas; a história de um homem que perde tudo numa mesa de jogo; alguém que desaparece; a trama de um amor proibido...

Sim, todas as vidas dariam um romance. Hemingway dizia que qualquer pessoa poderia escrever um grande romance, se passasse cinquenta anos escrevendo-o. O romance precisa apenas de um desejo de escrever, um narrador e um conflito. O resto segue essa abertura.

Drama, lógica, magia. Não é fácil escrever um romance, mas, embora a literatura tenha regras que servem apenas para serem desobedecidas, existem regras para quem quer escrever um romance sobre a própria vida. Na verdade, todos os romances são sobre a vida de quem os escreve.

Num romance tudo é ficção, mas tudo é vida. Chamado de "gênero imperfeito", porque imita a vida, o romance precisa da verossimilhança, tudo precisa parecer mais real que a realidade. Novas dimensões da beleza das palavras.

A literatura tem regras que servem apenas para serem desobedecidas? Somente uma coisa é certa: o trabalho é imenso, longo, extenuante, brutal, minucioso, construtivo, destrutivo, insano, encantador.

A sensação de quem escreve um romance sobre a própria vida é de que é possível encadear a vida, organizar o caos da realidade e perpetuar uma experiência. Mas o que acontece de mais sedutor, ao escrevermos um romance sobre nossa própria vida, é que descobrimos quem somos, o que desejamos ser e o que podemos vir a ser.

Ah, a vida do poeta Quintana não daria um romance, ele disse: Minha vida não foi um romance... Pobre vida... passou sem enredo... Mas seria um belo romance, mesmo se escrevesse sobre um homem solitário que vive num quarto de hotel.

# BRASÍLIA SE DESPEDE DO MÚSICO GUERRA VICENTE

João Carlos Taveira

**A**ntônio Guerra Vicente faleceu aos 76 anos, na madrugada do dia 13 de janeiro de 2019, em hospital particular de Brasília, em consequência de um linfoma, câncer que afeta o sistema sanguíneo. O violoncelista Antônio Guerra Vicente era músico e professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB). Foi também um dos fundadores do Quarteto de Brasília.

Segundo membros da família, ele aguardava novos exames e uma sessão de quimioterapia. Não deu tempo. A morte aconteceu abruptamente, sem que se pudesse saber o estágio de avanço da doença. Ele havia perdido peso e estava bastante debilitado, fato que chamou a atenção dos médicos e de toda a família.

O músico deixa mulher, a violonista Ludmila Vinecka, e dois filhos: o violoncelista Augusto Guerra Vicente, da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, e a professora de linguística da UnB Helena Guerra Vicente.

O violoncelista Guerra Vicente fundou o grupo instrumental Quarteto de Brasília, juntamente com a esposa Ludmila, a professora de viola da UnB Glêsse Collet e o ex-spalla e atual regente da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Cohen.

Com o Quarteto de Brasília, Guerra colecionou prêmios e realizou turnês internacionais, tendo passado pelos Estados Unidos e por países da Europa e da Ásia. A fama do grupo surgiu a partir do alto nível técnico dos quatro integrantes e de um repertório eclético: composições clássicas e algumas incursões na música popular brasileira, com "Feira de Mangaio", de autoria de Sivuca e sua esposa Glorinha Gadêlha.

Antônio era filho de José Guerra Vicente, importante compositor do início do século 20 e um dos fundadores da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. José Guerra Vicente era de

origem portuguesa e faleceu aos 69 anos, mas deixou uma obra de importância capital para a compreensão da música moderna brasileira. Em 2006, o violoncelista lançou o livro *José Guerra Vicente – O compositor e sua obra*, uma biografia sobre o pai, contada a partir de escritos deixados pelo compositor.

O PAI – ORIGEM, FORMAÇÃO E IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA

Nascido em 1907 em Almofala, Portugal, José Guerra Vicente veio para o Brasil aos 10 anos de idade, tendo recebido toda a sua formação musical na cidade do Rio de Janeiro, onde se instalou e produziu praticamente toda a sua obra. Teve como principais professores: Alfredo Gomes, Agnelo França, Paulo Silva, J. Otaviano e Francisco Mignone. Violoncelista, professor e compositor, foi nesta última atividade que a personalidade do músico mais se destacou. José Guerra Vicente foi membro da Sociedade Internacional de Música Contemporânea (fundador da Seção Brasil). Em 1960, sua obra *Sinfonia Brasília* recebeu o primeiro prêmio (dividido com os compositores Guerra-Peixe e Cláudio Santoro), em concurso nacional instituído pelo Ministério da Educação e Cultura para homenagear a inauguração de Brasília, a nova capital da república.

Participante que foi do Movimento Musical Renovador (1963/4), José Guerra Vicente esteve sempre presente aos seus eventos e na vida cultural do país. São daquela época *Tocatta*, para piano; *Cenas Cariocas*, para violoncelo e piano; *Concerto*, para trompete e orquestra e o *Trio de cordas*. Em 1968, ganhou o Concurso Nacional de Composição Francisco Braga (do qual concorreram 18 partituras), com a obra *Abertura Sinfônica*. Também foi violoncelista fundador da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, bem como professor de Harmonia e Composição no Instituto Villa-Lobos. Faleceu em 1976, em Vassouras, Estado do Rio de Janeiro.

Principais composições: Três Sinfonias completas; *Concerto para trompete e orquestra*; *Concerto para violoncelo e orquestra*; *Concertino para violoncelo e orquestra*; *Carnaval Carioca*, para grande orquestra; *Sonata para violino e piano*; *Sonata para clarinete e piano*; *Sonata para violoncelo e piano*; *Trio de cordas*; *Quarteto de cordas*; *Cenas Cariocas para violoncelo e piano*; *Tocatta ponteada para violão*; *Improviso para flauta solo*; *Divertimento para viola solo*; *Tocatta para piano solo*; como também Peças para formações diversas e Peças para canto e piano.

## SONETO Nº 114, Op. 260

Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira

Silêncio! Que se calem todos os ruídos,  
que, tão somente, o vento entoe o seu cantar...  
Deixe que as brumas, tão somente, meus doídos  
pensares venham, em preces, me consolar.

Que tudo se emudeça, até os meus sentidos  
poemas de saudades! Que se cale o mar,  
que as penumbras encubram os campos floridos  
e que somente o ermo viva em meu sonhar...

Peço silêncio para tornar ao passado  
e, no velho sobrado da lembrança alçado,  
poder chorar nos páramos dessa orfandade.

Mortos minha adorada mãe, meu pai querido,  
palpita-me no peito um coração ferido,  
no peito abrasa-me uma infinita saudade!



ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS – ABrL

### INSCRIÇÃO

Na forma e para os fins do art. 13 do Regimento Interno, é declarada a vacância das Cadeiras nº XXIII (patrono: Aluísio Azevedo), vaga por morte de Ursulino Leão, e nº XL (patrono: Afonso Arinos), vaga pelo falecimento de Affonso Heliodoro dos Santos.

Fica aberto o prazo de 30 (trinta) dias a contar desta publicação para inscrição de candidatos ao seu preenchimento, os quais deverão satisfazer as condições exigidas pelo art. 2º do Estatuto Social.

As inscrições serão feitas na secretaria da Associação Nacional de Escritores – ANE, SEP Sul 707/907, Bloco F, Edifício Escritor Almeida Fischer, tel. 3242-3642.

Brasília, DF, 11 de março de 2019

Fabio de Sousa Coutinho

Presidente

## QUATRO CONTOS DE DIEGO MENDES SOUSA

### A ALIANÇA COM OS FANTASMAS

Escolher o destino é-me caro; e a existência é uma fumaça movediça dentro dos ressentimentos que habito.

Disparei os meus dedos fracassados na ambição de transpor os fantasmas. Partirei com eles.

### A REVELAÇÃO

Quis, enquanto poeta, ser a metamorfose dos anjos. Consegui sangrar.

### A MODELAGEM FERINA DA INFÂNCIA

Povoo o horizonte multiplicado em matizes finas. Estou em universalidade peregrina. Talvez cristalino, talvez menino.

### O MORTÍFERO DIÁLOGO

– O que o tempo de mansinho vai roendo?  
– A vida!

Continuação da página 1

# RONALDO COSTA FERNANDES CEDE À SUA VIGOROSA VEIA POÉTICA EM “MATADOURO DE VOZES”

Antonio Carlos Secchin

**I**nexiste a aproximação com o outro, e isso se torna patente não apenas no maciço predomínio de textos em que apenas o “eu” se presentifica, como também no aspecto correlato, e simetricamente oposto, da quase total ausência do “tu”. Uma segunda pessoa tão esvaziada de vida quanto o simulacro humano do manequim fantasmagórico que ocupa a capa do livro, não por acaso num ambiente de escuridão e diante de portas cerradas. Se formos lastrear as convocações diretamente dirigidas pelo poeta a um interlocutor em segunda pessoa, encontraremos de início não o “tu”, mas o distanciado e divino “Vós”: “Ó Deus, tirai-me dessa piscina de nillismo”. Ou, então, um outro impermeável ao diálogo (“*Tu me falavas/ de futuros indecifráveis*”), marcado pela ausência física, seja momentânea (“*Há cinco anos que não te ouço mais*”), seja irreversível, como no belo (pseudo)diálogo com “Frida

Kahlo”. Também em torno de contatos frustrados gira o poema “Diálogos”: “*Dialogarei com os mortos/.../ E, se ninguém me ouvir/ falarei aos ventos, / que, como rádio, / falam sozinhos*”.

Numa artilosa (e fingida) sinalização de intercâmbio, em algumas peças o “eu” se pluraliza, transformando-se em “nós”. Porém, um olhar mais atento logo percebe que na poesia de Ronaldo a primeira pessoa do plural, em vez de sinalizar coesão, aponta, ao contrário, um conjunto de “eus” solitários: “nós” que não se atam. Vozes que se esvaem em recíproco desconhecimento, desunidas em desarmônico plural.

A carpintaria da forma, em Ronaldo, o leva a criar saborosos (muitas vezes, gastronômicos) neologismos. Adepto ferrenho do verso livre e refratário à utilização da rima, o discurso do poeta, bastante pessoal, não deixa, aqui e acolá, de evocar a sombra de

Drummond, como em “A imagem em Arabesco”. Mas, se no poeta mineiro existia, ao término da Segunda Guerra Mundial, um olhar prospectivo de otimismo, no poeta maranhense nada parece salvar-se. É ler “Búfalo sobre Plantação”, em que, à abertura jubilosa – apesar, ressaltamos, do verbo “doer” – “*Meu cérebro dói de tanta esperança*”, contrapõe-se o melancólico desfecho – “*a cachoeira das águas passadas/ que movem o moinho das desventuras*”.

Nada se salva? Algo, talvez. Exatamente no meio do caminho, no poema 37 de um conjunto de 74, Ronaldo Costa Fernandes incrustou “Criadouro de Vozes”, que aponta, pela arte, a via de uma salvação possível: “*abriremos uma estrada/.../ Logo as árvores vergastadas pelo vento/ lançarão ao chão/ as sementes dos caminhos*”. As sementes foram lançadas e germinaram nos frutos poéticos deste belo livro.

## A MEDIA LUZ

Arlete Sylvia

**E**m janeiro de 2016, atendendo a um convite, fui visitar nossa querida Buenos Ayres do Caminito, lugar tradicional que até virou tango e impossível não visitá-lo. Do Obelisco, hoje o símbolo da cidade de Buenos Ayres, inaugurado em 1936 pelo projeto de Alberto Presbich, que também criou o Teatro Gran Rex. E as inúmeras casas de Tango.

Esta é a segunda vez que estou indo a Buenos Ayres, por isso resolvi conhecer uma nova casa que me foi sugerida: “CAFÉ LOS ANGELITOS”, é um lugar que merece ser visitado.

O jantar excelente, os garçons muito bem preparados para atender a todos com a maior atenção e rapidez antes de começar o Show. Uma entrada, prato principal e sobremesa e vejam só, todos à escolha de cada pessoa.

O Show impecável: exímios cantores e cantoras e as bailarinas que trocavam de figurino muito rápido, mas o mais impressionante eram mesmo aquelas belas pernas que pareciam elétricas realizando com perfeição indescritíveis movimentos.

E o Señor Tango?... A mais famosa casa de Tango de Buenos Ayres.

Está muito diferente da primeira vez que fui. Muito sofisticado, requintado, repleto de efeitos especiais de tirar o fôlego. O jantar não posso dar nota “10”, darei “8”, pois para “LOS ANGELITOS” dei “10” com louvor.

Porém o Show não tenho palavras para definir. Começa com “Cavalos de Verdade,” montados por bailarinas correndo pelo palco.

Uh! Realmente o coração fica acelerado pois é uma coisa inédita. Em seguida vêm as cantoras interpretando os tangos porteños de que só elas sabem transmitir toda a emoção E aquela troca de pernas é uma das coisas mais bonitas de se ver. Mas não é só isso, fazem danças aéreas, voam mesmo chegando à altura dos camarotes que ficam a uns três ou quatro metros de altura e todas lindas, sorridentes e corajosas. Enquanto isso, câmeras ficam filmando os camarotes e por fim todos são filmados.

São duas horas de pura emoção e deslumbramento. Os porteños estão de parabéns por oferecerem aos visitantes tanta beleza e originalidade. Sugiro a todos quando forem a Buenos Ayres irem a essas duas casas de Tango: “CAFÉ LOS ANGELITOS” e “SEÑOR TANGO”.

E A MEDIA LUZ? (Um clássico no gênero porteño).

Agora iremos falar do Tango mais conhecido e gravado por vários artistas em todo o mundo: “A MEDIA LUZ”, escrito em 1924 e interpretado pela primeira vez em 1925 na voz da vedete chilena Lucy Clory, em Montevideo, na Revista Musical “Su Magestad La Revista”.

Em seguida teve grande sucesso com Azucena Maizani no Teatro de La Comedia em Buenos Ayres em 1926.

Seus autores são: Carlos César Lenzi, uruguaio de Montevideo, diplomata, poeta e escritor autor de várias letras inclusive A Media Luz.

E Edgardo Felipe Valério Donato. Argentino, músico, violinista, compositor e diretor de orquestra.

Conta a história que A Media Luz surgiu por acaso. Edgardo foi convidado para uma festa no Palácio de Wilson, uma mansão em Montevideo. De repente ele resolveu inovar e apagou parte das luzes e falou: “Agora é a média luz.” O local tornou-se muito romântico e um dos convidados, Carlos Lenzi, apaixonou-se pela frase e começou a escrever uma letra pensando em Buenos Ayres. Entregou-a a Edgardo Donato para fazer a melodia.

A família de Edgardo radicou-se em Montevideo e ele desde criança presenciou vários conflitos sociais. Ali viveu a maior parte de sua vida.

Apresentava-se em bares, cafés e teatros, mas “A MEDIA LUZ” foi seu maior sucesso que quando gravado por Carlos Gardel ficou imortalizado.

“Corrientes 3 4 8, nos lembra imediatamente o tango “A Media Luz” por seu romantismo e beleza é considerado o mais admirado no mundo. O endereço ainda existe, fui até lá para comprovar e fotografei, mas há apenas uma grande porta e automóveis que entram e saem como numa garagem.

## POR OUTRO

Alberto Bresciani

Há outro lado sempre,  
um outro ponto de vista.  
É preciso saber disso,  
não negar Whitman  
ou as experiências provocadoras  
de jovens poetas franceses,  
ou o fato de, ao abrir a porta,  
o mundo ter mudado, ter  
virado de ponta-cabeça  
e o seu rosto ser outro rosto,  
porque um novo vinco  
dobra sua pele ou ainda  
porque você acordou feliz,  
mais do que ontem, muito  
mais do que foi a vida toda  
e então você olhará  
para o jardim disforme  
(as plantas crescem,  
crescem ervas,  
os gatos caçam, cavam,  
parecia feio ontem)  
e o achará tão bonito,  
como aqueles parques  
onde brincava na infância  
e pode acontecer até  
de sentir na sua mão  
algo como descansar  
sem medo, um edredom,  
cinto de segurança,  
um sentido afinal, sim,  
sem fome e tristeza, sentido  
real, de proteção, sentir  
a mão de seu avô.

# FUTURO/TEMPO

Emanuel Medeiros Vieira

EM MEMÓRIA DO MEU SEMPRE QUERIDO AMIGO, TALENTOSO ESCRITOR, SER HUMANO INTEIRO e ÍNTEGRO EM TEMPOS TÃO REIFICADOS E QUEBRADOS – SEM ADEQUAÇÃO ENTRE SER E DESTINO

(COM TRANSCRIÇÕES DO “LIVRO DO DESASSOSSEGO”, DE FERNANDO PESSOA)

Quanto dura o amanhã?

Não espero que o futuro também perdue.

Relevem – que seja um só leitor –, os lugares comuns e platitudes.

Existirão “passado”, “presente”, “futuro”?

O passado esfarelou nos dedos.

O presente acaba de passar.

O futuro é uma folhinha tirada da parede.

Resta-me esta segunda-feira, a memória de um querido amigo morto no sábado, neste funesto fevereiro, a foto perdida na mesa, eu, o amigo morto, outro alguém que já está longe.

Éramos todos jovens.

Estou em Lisboa, sozinho, inverno europeu de 1975, 30 anos, fugindo da ditadura militar brasileira, no bar (ou restaurante, qualquer coisa) onde Fernando Pessoa tomava os seus tragos. Vivíamos o rescaldo da Revolução dos Cravos.

Havia ganho o disco com *a música da esperança* (“Grandôla Vila Morena”).

A gente deixa muita coisa quando foge de uma ditadura – eu não pude levar obras de Franz Kafka, Graciliano Ramos e outras.

Na mesa, um trago forte e “*Mensagem*” do mestre – e alguns poemas eu lia um pouco alto, – aliás, nem alto, nem baixo – um vizinho escutaria.

“Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo.” (Fernando Pessoa – heterônimo: Bernardo Soares).

E diz – “Que me pesa que ninguém leia o que escrevo: Escrevo-me.”

Ele estabelece desde cedo o princípio: “Dizer o que sente exatamente como se sente plenamente”.

(Poço sem fundo é esse passado que não passa – mais fundo ainda é o país de cara feroz com seus açoites para os desdentados à margem da margem – a eterna desigualdade, o espírito escravocrata estampado eternamente na nossa cara.)

Mas, com toda a sinceridade – só peço que acreditem –, não quero fazer sociologia de boteco.

Os poucos amigos que me lerem – nossos textos, é claro, sempre ficam aquém da nossa expectativa – perguntarão por que “entrou” Fernando Pessoa numa homenagem a Rubem Mauro Machado.

Talvez porque na madrugada toda insone – noite eterna –, eu só tinha fragmentos, pedaços/estilhaços de memória, viagens, tempos, idade – uma enorme amizade que começou em 09 de fevereiro de 1970 em São Paulo, o “rabo-de-foguete” (apartamentos pobres, pensões pulguentas) no ar, clima pesadíssimo, depois fuga, prisão, tortura, exílios, estórias tão conhecidas, que muitos não querem lembrar.

Quarenta e oito anos de amizade: contínua sem interrupção.

“O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; porém, se quiser explicar a quem me fez a pergunta já não sei” (Santo Agostinho, 354-430).

“Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. (...) A vida é absolutamente irreal.

(..) Que me pesa que ninguém leia o que escrevo: Escrevo-me”.

(Fernando Pessoa, “Livro do Desassossego”).

Nos obituários, os elogios viraram lugares-comuns, todo mundo vira santo.

RUBEM MAURO MACHADO (25 de outubro de 1941/02 de fevereiro de 2019) FOI DAS PESSOAS MAIS ÍNTEGRAS, SOLIDAMENTE ÉTICAS QUE CONHECI.

NOS CONHECEMOS EM 9 DE FEVEREIRO DE 1970.

ELE NUNCA SONEGOU OS SEUS VALORES OU FEZ CONCHAVOS PARA NEGAR OS SEUS IDEIAIS.

QUEM O CONHECEU SABE DISSO,

E ERA DE UMA GENEROSIDADE ÍMPAR.

QUANDO MOREI EM FLORIANÓPOLIS, COM PROCESSO POLÍTICO NAS COSTAS (1972-1979), FICASTE LÁ EM CASA, ME VISITASTE UMAS CINCO VEZES (seis, sete?).

NESTES 40 ANOS DE BRASÍLIA, VIESTE TRÊS VEZES? CREIO QUE MAIS.

A CORRESPONDÊNCIA INSTITUCIONAL E PELA INTERNET NUNCA – NUNCA MESMO – CESSOU.

Era direta, às vezes diária.

NA ÚLTIMA VEZ EM ABRIL DE 2018, VIESTE ME VISITAR – ERA A SOLIDARIEDADE DO AMIGO QUERIDO: EU COM CÂNCER INCURÁVEL (QUE JÁ DURA QUATRO ANOS, UM MÊS E SEIS DIAS).

NO DIAGNÓSTICO (30 DE DEZEMBRO DE 2014) O PRIMEIRO MÉDICO ME DEU SEIS MESES DE VIDA.

ESTOU NO LUCRO..

ALÉM DISSO, RUBEM MAURO HAVIA GOSTADO MUITO DE UM TEXTO MEU (“CRUCIFICADO”), DIRETAMENTE SOBRE TORTURAS SOFRIDAS NA OBAN E NO DOPS – UMA TENTATIVA DE ABORDAR UM TEMA SEM PANFLETARISMO OU AUTOPIEDAD. TRABALHAMOS JUNTOS, LEVASTE PARA O RIO E IRIAS ENVIAR DE VOLTA A TUA VERSÃO.

FIZESTE PRECIOSAS SUGESTÕES..

ESTAVAS TRABALHANDO NISSO, COMO SEMPRE COM INTEIREZA, PROFUNDA DEDICAÇÃO, QUANDO VEIO A INDESEJADA DAS GENTES EM 2 DE FEVEREIRO – QUE AINDA NOS ABALA TANTO AGORA.

PERDI UM IMENSO AMIGO.

QUERO HONRAR A TUA MEMÓRIA E O TANTO QUE FIZESTE NO TEMPO QUE ME CABE.

TU E O TEU IRMÃO MILTON SALDANHA MACHADO SÃO FIGURAS RARÍSSIMAS NUM TEMPO TÃO EMBRUTECIDO, CÍNICO, DESIGUAL E CONSUMISTA.

SEMPRE DIZEMOS: “É PRECISO CONTINUAR”.

SIM. NÃO É FÁCIL, RUBEM MAURO MACHADO E OUTROS HUMANISTAS (EM TEMPO INTEGRAL) QUE TAMBÉM JÁ PARTIRAM.

CREIO QUE AINDA ARRUMAREMOS FORÇAS – ONDE ELAS ESTIVEREM, MESMO NO DESERTO, PORQUE JÁ DESCOBRIRAM QUE ELE É FÉRTIL – PARA RESISTIR, PARA QUE O NÚCLEO DO HUMANO NÃO DESAPAREÇA.

(Brasília, fevereiro de 2019)

## 1492 - I

Danilo Gomes

Eu, Rodrigo de Triana,  
castelhano, marinheiro,  
do alto do cesto da gávea,  
vejo terra pela vez primeira.  
Eu anuncio a Descoberta,  
arauto sou da boa nova.

Nasci no distrito de Triana,  
o bairro dos marinheiros, em Sevilha.

Sou o primeiro,  
em meio ao voo dos alcatrazes.

Diante de mim, agora,  
o golfo, a baía, o promontório,  
os peixes voadores  
e um bando de dourados hipocampus,  
na luz iridescente da manhã dominicana.

Nesses mares  
de famintos marinheiros,  
ninguém, antes de mim,  
pousou os olhos nessas praias de Guanaani.

Aqui será a América.  
O Almirante Cristóbal Colombo  
deve, no camarote, dormir ou rezar,  
é quase um santo, um visionário.  
Américo Vespúcio, o sábio,  
mestre dos mares,  
por certo se debruça em astrolábios,  
azimutes, preciosos portulanos.

Muitos dormem, mas eu, no cesto da gávea,  
vigio a aurora que se abre sobre os mastros.  
Só eu, Rodrigo de Triana, vejo a América,  
na luz dessa manhã inaugural.

Aqui desfraldaremos, nessas praias,  
os estandartes de Castela e Aragão.  
Aqui implantaremos  
a Cruz do Salvador e a Espada de Santiago.

Sinto-me El Cid, o Campeador dos Mares,  
Deus me perdoe !

E agora eu, Rodrigo de Triana,  
marujo castelhano,  
posso dormir, enfim,  
o sono do olvido.

Continuação da página 1

# FÁBULA ANIMAL SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA

Ronaldo Cagiano

Ao pautar suas histórias pela troca de papéis, muitas vezes lançando mão do recurso da experiência de sua cultura e raízes mineiras, com seus referenciais e totens, com suas lembranças e registro de costumes e lendas, Edna simbolicamente dá voz e vez às minorias, às parcelas vulneráveis do universo em uma atmosfera em que vários personagens protagonizam seus dilemas e suas inquietações, alternando com as aves seu mal-estar ou desconforto numa sociedade. Há uma sutil ourivesaria na tessitura dos contos, a autora bebe em diversas fontes, da literatura à psicanálise, da filosofia ao teatro; e se há em todas elas um tom de fabulação, este não se desvia para o “moral da história”, mas para um acicate na consciência do leitor, para que não perca a sensibilidade e possa perscrutar o mundo e suas contingências, como a cacatua, a joaninha-de-barro, o coleiro, as galinhas, o inhapim, o melro, o pintas-

silgo e o papagaio, enfim aqueles que dão as cartas e nos lembram (ou questionam) nossa pequenez, transitoriedade e insignificância num mundo cada vez mais abstraído de valores e sentimentos e que recusa o coletivo e a solidariedade e hierarquiza o poder material e econômico. Temos a força, mas não temos asas para voar, parecem nos dizer esses viventes que podem, a seu talento, alçar outros ares e conquistar a liberdade, enquanto os humanos cada vez mais se enraízam e tornam-se cativos de seus mundos e de suas apreensões nesses tempos de extrapolação de todas as misérias.

Obra de inegável dimensão sensorial e humanista, pois avança sobre questões e verdades que nos afetam desde os primórdios do Mundo (preconceitos, perseguição, disputas, intrigas, infidelidade, rivalidade, inveja, ódios, ameaças, injustiça etc.), *A Duras Penas* resgata o lirismo das histórias comuns, flerta com au-

tores e obras dos cânones brasileiro e universal, dialoga com a poesia, com a música, com o teatro e com todas as formas de percepção ou acento artístico, um livro amalgamado por uma harmonia e ritmo internos que lhe conferem leveza, fluidez, plasticidade e sutileza estilística.

Com essas histórias que encantam, apaixonam e nos fazem questionar essa aldeia global antropocêntrica e sem visão de alteridade, Edna Rezende metamorfoseia seus pássaros em entidades pensantes e questionadoras, que experimentam os mesmos embates do ser humano. Nesse sentido, lembra-nos a proposta de Maria Esther Maciel em seus estudos que invocam essa espécie de zooliteratura (termo apropriado pioneiramente por Jacques Derrida): “é o animal que oferece as conexões mais primárias entre os mundos humano e animal, visto que sua existência é impensável fora dos domínios humanos”.

## EU, AUGUSTO DOS ANJOS

Edson Guedes de Moraes

Eu, Augusto dos Anjos – com mil demônios – detesto poesia – poetas principalmente – essa gente doente, igreja, religião.

Explico: minha mãe ia me batizar com o nome do pai dela, Epaminondas Ribeiro da Silva; mas eu nasci no dia 20 de abril e meu pai viu mais que uma coincidência de datas: em um passado 20 de abril nasceu aquele poeta paraibano que ele vivia a declamar, Augusto dos Anjos. Vai se chamar Augusto, sentenciou: Augusto dos Anjos Ribeiro da Silva!

E o urubu pousou na minha sorte.

Minha mãe só me chamava de “meu anjinho”; nas reuniões familiares com os tios, primos, avós e vizinhança, eu tinha que declamar alguma coisa do xará. Meu pai me fazia decorar mais um poema toda semana, em troca de alguma coisa que eu quisesse muito, de atiradeira a bola de futebol, cinema nos sábados, pescaria com a turma do colégio. O preferido de meu pai, que não sabia de cor nem a primeira página da tabuada e nunca terminou nem o curso primário, era o “Monólogo de Uma Sombra”. *Sou uma sombra! Venho de outras eras, / Do cosmopolitismo das moneras... / Pólipo de recônditas reentrâncias, / Larvas de caos telúrico, procedo / Da escuridão do cósmico segredo, / Da substância de todas as substâncias!*

Decorasse o catatau podia pedir o que quisesse.

– Uma bicicleta?

– É só decorar!

*Nunca tive uma bicicleta!*

Em casa não havia dicionário; como decorar aquelas palavras que pareciam de outra língua?

Meu pai não sabia, também, o que eram ‘moneras’, ‘pólipo’, quase tudo, mas, gostava, assim mesmo, e lia em voz alta:

*A simbiose das coisas me equilibra.*

*Em minha ignota mônada, ampla, vibra*

*A alma dos movimentos rotatórios...*

Os sonetos eram mais fáceis de decorar, mesmo sem entender direito.

Na Escola, Dona Leopoldina, em toda festa, pedia-me, sorrindo, que eu declamasse um soneto, mas um soneto bonito, que todo mundo gostasse. E aquele sor-

riso de Dona Leopoldina era irresistível. Principalmente porque ela passava a mão sobre a minha cabeça, se chegava bem perto, e eu podia sentir a maciez dos seus peitos e o perfume que saía do decote da blusa. Ela me deu de presente dois livros de Guilherme de Almeida.

Os livros de poemas de Guilherme de Almeida eram fácil de decorar e eu os decorei todos, conquistando, não só as graças de Dona Leopoldina, como de todas as garotas que me interessavam, principalmente a Terezinha, sobrinha de Dona Leopoldina, para quem eu declamava, em murmúrios, debaixo das cobertas.

(Poesia servia então para alguma coisa).

Nos sábados havia aula somente no primeiro horário; depois, íamos todos para o Auditório e acontecia o que era chamado de Sarau: discurso de Dona Leopoldina, dos representantes de turma, as meninas que tocavam piano, *Clair de Lune*, *Danúbio Azul* e outras músicas facilitadas para as virtuosas alunas de Dona Dulce que lhes marcava o compasso com seu leque de renda.

Então, eu descobri que Dona Leopoldina estava de namoro com o Alquimim, nosso professor de Química, que eu nem sabia que era poeta, mas que escrevia versos e os mandava com flores para ela. E eu não suportava o professor Alquimim! Não só porque ele me reprovou no terceiro ano, como porque o via chegar ao colégio, diariamente, todo prosa, em sua Caloi, prêmio tão cobiçado por mim, tempos atrás, certamente sem saber de cor o “Monólogo de Uma Sombra”, que me custara tanto decorar, e ver meu pai confessar que não tinha dinheiro para comprar uma bicicleta daquelas.

Foi no grande “sarau” de fim de ano que pus em prática a minha vingança: Dona Leopoldina combinara que eu deveria encerrar as apresentações declamando um poema do professor Alquimim, “Estudo, Religião, Glória e Felicidade”, uma xaropada sentimental-patriótica-religiosa dedicado ao Sr. Diretor, o Bispo Rolando, e ao Deputado Florestan Aires, convidados de honra, naquele dia.

Depois dos solos de piano das sobrinhas de Dona Leopoldina e dos discursos de despedida dos re-

presentantes de turma, a minha vez. Caprichando na voz, com emoção, eu declamei, não o poema do professor Alquimim, que já sorria pelos aplausos que receberia e as boas graças do senhor Bispo e do senhor Deputado, mas o soneto do meu xará,

### VERSOS ÍNTIMOS

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão – esta pantera –  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

### NEM TANTO ASSIM

Noélia Ribeiro

Jogo meu corpo  
sobre o teu  
com os pés  
colados no chão

(morro de medo da paixão)

# A ARTE DO AZULEJO EM PORTUGAL E NO BRASIL

Adelto Gonçalves

## I

Considerada arte menor ou apenas decorativa, a azulejaria ganha agora foro de expressão artística com o estudo *Desenhadores & Azulejeiros – Ensino e Aprendizagem, Arquitetura e História* (Rio de Janeiro, Synergia Editora, 2018), de Clara Emília Sanches Monteiro de Barros Malhano e Hamilton Botelho Malhano (1947-2017), que resgata a história de vida de dois artistas portugueses – José Colaço (1868-1942) e Manuel Félix Igrejas (1928) –, além de analisar o ensino das Belas Artes no Brasil, o que inclui a azulejaria, e a sua relação com a arquitetura neocolonial e modernista. Para tanto, o trabalho, segundo definição dos autores, procura entender as “técnicas artesanais, manufatureiras e industriais da produção cerâmica azulejeira luso-brasileira em relação a outras produções de azulejos enquanto arte de caráter internacional”.

Nascido no Tânger, Marrocos, Colaço, de origem aristocrata, com formação acadêmica, pensou em emigrar para o Brasil e chegou a adquirir bilhete de viagem, mas deixou de fazê-lo porque a morte o alcançou antes, já na idade madura. Deixou atrás de si uma série de trabalhos, dos quais os mais famosos são os painéis de azulejos que decoram o grande átrio da Estação de São Bento, no Porto, desde 1915, e até hoje encantam os passageiros que por lá passam pela primeira vez ou não, e a parede de uma sala na Casa do Alentejo, próxima aos Restauradores, em Lisboa, de 1918. No Brasil, porém, é mais conhecido pelos painéis da fachada principal do Estádio de São Januário, do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, que produziu na década de 1930.

Caricaturista e pintor de fama à época, Colaço esteve no Brasil em 1908 para participar da Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil às Nações Amigas de Portugal e Algarves, onde se encontrou com o arquiteto português Ricardo Severo (1869-1940), seu amigo, ligado ao famoso escritório Ramos de Azevedo, de Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1940), de São Paulo, responsável pela construção de muitas casas e edifícios, que haveria de indicá-lo para vários trabalhos. Estabelecido temporariamente no Brasil, Colaço haveria de realizar a azulejaria do edifício-sede da Granja Guarany, em Teresópolis, da casa César Rabelo, em Petrópolis, da varanda do palacete Ortigão, no Cosme Velho, no Rio de Janeiro, e de algumas residências em Belo Horizonte e São Paulo, algumas projetadas por Ricardo Severo e Ramos de Azevedo. A casa de Ricardo Severo, a chamada “casa lusa”, na rua Tanguá, na capital paulista, também receberia painéis do artista, bem como a sua casa de praia no Guarujá.

De volta a Portugal, haveria de trabalhar na Fábrica de Cerâmica Lusitânia, em Lisboa, fazendo painéis para várias residências particulares, como a do historiador de arte e etnógrafo açoriano Luís Bernardo Leite de Ataíde (1883-1955), atual Convento de Nossa Senhora de Belém, em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, nos Açores. O prédio do Aquário Vasco da Gama, no Dafundo, no município de Oeiras, próximo a Lisboa, embora tenha sido inaugurado em 1898, só em 1931 receberia no frontão um painel de Colaço, em que se vê Netuno em carro puxado por cavalos marinhos em meio ao mar.

Em 1934, Colaço haveria de ir a Pangim, em Goa, trabalhar o tema “Os Lusíadas” para a entrada do

Instituto Vasco da Gama, atual Instituto Luís de Meneses Bragança. De acordo com os autores, Colaço seria também o primeiro pintor de azulejos a utilizar a técnica de serigrafia ou *silk screen* na decoração azulejar de um conjunto de painéis executados para uma vila no Alentejo. Seus painéis iriam também decorar residências e edifícios em Angola e Moçambique. Em 1937, o conde António Dias Garcia (1859-1940) haveria de encomendar três imensos painéis a Colaço sobre a Escola de Sagres e o infante D. Henrique (1394-1460) a fim de ofertá-los ao Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro.

## II

Já Manuel Félix Igrejas, autodidata, nascido na vila de Melgaço, no Alto do Minho, Norte de Portugal, próximo à fronteira com a Galiza, província da Espanha, emigrou em 1952 para o Brasil, passando a morar no Rio de Janeiro, onde deixou uma extensa folha de serviços prestados com vários de seus trabalhos expostos nas paredes de instituições luso-brasileiras, inclusive também na antessala da diretoria do Vasco da Gama no Estádio de São Januário e no Liceu Literário Português.

Depois de comandar a direção cultural da Casa do Minho, no Rio de Janeiro, por largos anos, Igrejas mudou-se em 2015 para a cidade de Campinas, ao lado da esposa, para ficar mais próximo da filha mais velha. Infelizmente, muitas das obras azulejares de Igrejas, bem como as de Colaço, no Brasil foram destruídas não só pela incúria do tempo como pela estupidez e ganância humanas e, especialmente, por dirigentes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que, segundo os autores, haveriam de promover uma “caça predatória aos exemplares de arquitetura neocolonial”.

Em entrevista com o pintor de azulejos, a professora Clara Emília pôde reconstituir com maiores detalhes a sua trajetória, desde a infância na vila de Melgaço, onde o pequeno Manuel se punha a imitar o irmão António Eduardo, oito anos mais velho, que já gostava de desenhar. Ambos se valiam de um espólio de esboços, pinturas e desenhos deixado por um irmão, Ventura (1906-1928), primogênito, que, aos 16 anos, deixara a pequena localidade por sentir que ali não haveria muito futuro para si e sua arte. Seguiria para a África e, dois anos mais tarde, iria para Belém do Pará, onde morreria ainda muito jovem.

Da infância, Igrejas recorda de abrir com sofredão um suplemento de desenhos coloridos intitulado *Mickey*, baseado no personagem do criador norte-americano Walt Disney (1901-1966), que saía encartado no diário *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, o que era possível porque um de seus tios fazia a assinatura do jornal. Da adolescência, lembra de quando, aos 14 anos de idade, fez a sua primeira exposição mostrando trabalhos executados a carvão e a pastel. Aos 19 anos, já fazia cartazes para o cinema da vila.

Sem perspectivas, Igrejas, em meados de 1952, decidiu aceitar uma passagem sem volta para o Rio de Janeiro oferecida por um tio. Chegaria ao Brasil no começo de setembro e procuraria outro tio que era atacadista e tinha uma loja de casimiras no centro da cidade e morava no Catumbi. Lá, o azulejista viveria até 1954, quando haveria de se casar. Teve vários empregos até

que conheceu um empresário do ramo, para quem passou a trabalhar num atelier que produzia ornamentos em louças e azulejos.

A partir de então, a carreira de Igrejas como azulejista foi rápida e em ascensão. Logo estaria fazendo painéis para o salão do Clube Carnavalesco Fenianos, na Lapa. Na mesma época, faria quatro painéis de grande porte para um hotel em Assunção, no Paraguai. Imagens de santos da Igreja Católica, da Sagrada Família e dos meninos Cosme e Damião, entre outras, povoariam os seus azulejos, sem contar os painéis votivos de maior monta, “além de figuras de baianas na lavagem da escadaria do Senhor do Bonfim”. Segundo os autores, a sua pintura reproduz efeitos de aquarelas, pastéis e óleos, “utilizando-se de todas as técnicas acadêmicas”.

Enfim, como observa o arquiteto e historiador Nireu Cavalcanti, doutor em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no prefácio que escreveu para este livro, a partir da trajetória desses dois profissionais diferenciados, Clara Emília e seu marido Hamilton Malhano construíram uma obra de grande importância para a história da arquitetura e da cidade do Rio de Janeiro. De fato, daqui para frente, esta obra torna-se referência incontornável para quem quiser estudar a arte da azulejaria em Portugal e no Brasil.

## III

Clara Emília Sanches Monteiro de Barros Malhano obteve título de doutora em História Social pelo IFCS/UFRJ, assim como o de mestre em História e Antropologia da Arte pela Escola de Belas Artes da mesma Universidade. Foi pesquisadora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

É autora dos livros: *Aldeamento de São Fidélis; o sentido do espaço na iconografia* (Ministério da Cultura-MinC/Iphan, 1995); e *Da materialização à legitimação do passado: a monumentalidade como metáfora do Estado – 1920-1945* (Lucerna/Faperj, 2002). Escreveu e organizou outros livros em co-edição e publicou vários artigos em revistas especializadas. Em 2013, publicou o livro *Sobragy dos Baronetes e da Saudade*, obra sobre a produção de café na Zona da Mata Mineira no período de 1850 a 1950. Com Hamilton Botelho Malhano, escreveu também *São Januário – Arquitetura e História* (Mauad/Faperj, 2002).

Hamilton Botelho Malhano obteve os títulos de mestre em História e Antropologia da Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ e de doutor em História Social pelo IFCS/UFRJ. Etnólogo, atuou em áreas indígenas e realizou estudos e pesquisas na área de museologia e museografia. Publicou o projeto “Construção do espaço de morar entre os Karajá do Araguaia: aldeia, casa, cemitério” no *Boletim do Museu Nacional*, nº 55, de 1986. Foi autor de verbetes para a *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*, publicada pela Cambridge University Press, em 1997. Com o falecimento de seu esposo, a professora Clara Emília Malhano é responsável agora pela *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*, que está sendo reeditada e atualizada pelo escritório VMSA (Victor Mestre e Sophia Aleixo), de Lisboa. A nova edição será bilingue (português-inglês).

# A VISITA DO LEITOR ANÔNIMO

Marcelo Torres

**E**ra noite de setembro, e o escritor, um dos nomes mais famosos da cultura nacional, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), estava de cama em sua casa no Rio de Janeiro, só esperando o chamado com destino ao último mistério. Apesar do nome consagrado e da história de vida exemplar, o Rio parecia indiferente às derradeiras horas do escritor.

Quem ali entrasse, contou um dos presentes, “não acreditaria que estivesse tão próximo o triste desenlace”. Os amigos, os homens, não passavam de meia-dúzia, exatamente seis, todos eles juntos, juntados no salão de visitas — eram também escritores e colegas dele na ABL.

Já as mulheres, as esposas dos escritores, ainda em menor número, foram para a sala de jantar, onde ficaram comentando lances da vida do escritor — ele não teve filho, não tinha parente, tinha ficado viúvo há quatro anos, quando passou a viver depressivo, e ainda tendo que lidar com um câncer e outros problemas.

“Era pelo menos desanimador tanto descaso da cidade inteira, sem a vibração de um abalo, derivando imperturbavelmente na normalidade de sua existência complexa — quando faltavam poucos minutos para que se encerrassem 40 anos de literatura gloriosa”, escreveria depois um amigo e confrade, que era um dos presentes no salão de visitas.

Naquela mesma noite, um jovem de dezessete anos de idade, de óculos e cabelos longos, saiu de sua casa no subúrbio de Niterói, pegou uma barca na Cantareira e, sem avisar aos pais aonde ia nem o que ia fazer, atravessou a Baía de Guanabara e foi bater com a dobra dos dedos à porta do escritor — ele tinha lido no jornal sobre o grave estado de saúde do seu autor preferido.

— Boa noite — um dos escritores atendeu à porta.

— Boa noite, eu quero entrar só para pegar na mão dele — disse o jovem.

— Você é...?

— Olha, eu não sou parente, nem amigo, nem mesmo conhecido.

— Qual é mesmo seu nome?

— Desculpe-me, senhor, mas pouco adianta eu falar meu nome, porque sou um anônimo, sou apenas um leitor que quer conhecer o grande escritor.

O escritor que atendera à porta — revelemos seu nome: José Veríssimo — pediu para o moço aguardar. Voltou-se para a sala, explicou a situação, pediu a opinião dos colegas. Estes eram Euclides da Cunha, Coelho Neto, Mário de Alencar, Graça Aranha, Raimundo Correia e Joaquim Nabuco. Conta-se que todos eles, receosos, se colocaram contra a entrada do rapaz desconhecido.

Veríssimo, então, teria voltado para a porta e dito que infelizmente ele, o rapaz anônimo, não poderia entrar. Mas o moço cabeludo não desistiu, disse que não arredaria os pés dali enquanto não pegasse na mão do seu ídolo. E insistiu tanto que teve a entrada finalmente liberada, mas mediante olhares desconfiados, vigilantes, que o acompanharam até o quarto.

“E o anônimo juvenil — vindo da noite — foi conduzido ao quarto do doente”, escreveria Euclides da Cunha. Chegou devagarinho, sem dizer palavra, e ajoelhou-se. Em seguida, pegou a mão do mestre, com as suas duas, e a beijou. Depois fez carinho por alguns segundos sobre o peito do doente. Levantou-se calmamente, virou-se para porta e foi saindo, sempre calado, sem olhar para nenhuma das testemunhas. Cortou a sala de jantar, passando por outros olhares curiosos, atravessou o salão de visitas, abriu a porta e foi-se embora sem dizer uma palavra.

“Naquele momento o seu coração [o do garoto] bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade.

Naquele meio-segundo — no meio-segundo em que ele estreitou o peito moribundo, aquele menino foi o maior homem de sua terra. Ele saiu e houve na sala, há pouco invadida de desalentos, uma transfiguração”.

Dali a algumas horas, às três e pouca da madrugada de 29 de setembro de 1908, na casa número 18, da Rua Cosme Velho, no Rio de Janeiro, Joaquim Maria Machado de Assis fecharia os olhos pela última vez. Antes, na véspera, perguntaram se ele queria um padre para realizar a unção dos enfermos, a extrema-unção. O Bruxo do Cosme Velho teria dito que não, não precisava, seria uma hipocrisia, pois nunca na vida ele acreditara nestas coisas.

Agora, porém, na hora de partir em viagem derradeira para “estudar a geologia dos campos santos”, recebia aquele beijo na mão, aquele afago no peito, dois gestos bonitos de um leitor, um simples leitor, de nome Astrojildo Pereira (com j mesmo), que alguns anos mais tarde seria o fundador do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, mais que isso, um dos maiores estudiosos do criador de Quincas Borba, Capitu, Bentinho e, claro, Brás Cubas, seu defunto-narrador.

## DESAPEGO

sôniahelenas

**S**e eu tivesse que definir como quereria viver, penso que usaria parte de uma canção do Zé Rodrix, que diz:

“Eu quero uma casa de campo,  
onde eu possa viver do tamanho da paz.

.....

Onde eu possa guardar meus amigos,  
meus discos, meus livros e nada mais...”

Faria, no entanto, um reparo e um adendo. Que eu tivesse uma vista do mar e pudesse levar comigo, também, minhas lembranças e saudades, pois fazem parte de mim. Tê-las comigo me torna melhor.

São estórias vividas e pessoas amadas que carrego comigo a cada dia. Quereria levá-las para a minha casa. Ao sentar à varanda, para ler um livro ou ouvir uma música, elas estariam lá, ao meu lado...

Não precisaria de mais. Viveria feliz, uma vida pacata. Sem ambições maiores, pois nunca as tive. Sem vaidades, que as fui deixando na caminhada. Sem pretensões, que aprendi serem desnecessárias e inúteis.

Passaria os dias entre músicos, escritores e um tanto de ar puro. Com certeza, cuidaria um pouco das plantas, conversaria com as aves, caminharia ao sol, ouviria as estrelas...

Talvez até brincasse com as palavras, de vez em quando. Tentaria encontrar, na quietude do meu mundo, o fio da inspiração, as asas da quimera nas quais eu pudesse viajar, a fonte da ternura que toca os anjos e os artistas, a fim de que eu pudesse sentir o mistério da existência e a beleza da criação.

Despida de vaidades, vestiria a túnica da singeleza para me aproximar do infinito. Mergulharia em mim mesma para buscar minha verdade. E a dividiria com meus amigos de lá.

Aprenderia com o tempo, viajaria com o vento, sonharia com as nuvens e cantaria com os pássaros. Meu leito de lembranças seria embalado pela melodia das saudades. Meus dias, conduzidos por uma melancólica esperança de em algum tempo e lugar eu poder rever os amigos, reviver os sonhos e recriar a alegria.

Não seria rainha nem amiga do rei, mas teria o lugar que eu quero e a paz que sempre busquei.

## IMAGENS

Antonio Carlos Santini

Imagens que não passam da retina,  
Imagens que se afogam nos meus olhos:  
São barcos de papel que nos escolhos  
Encontram indefesos a ruína...

Enquanto a morte investe contra a mina,  
Os césores não tiram seus antolhos:  
Resta ao povo beber dos Santos Óleos  
E dar seu sangue à fome da oficina...

O rio escuro chora sob a bruma,  
Pois não lhe resta mais pureza alguma  
Para a sede de peixes e animais.

Choram as mães, soluçam os seus filhos,  
Mas o sistema segue sobre os trilhos  
E nos tornamos todos minerais...



## MÁSCARA

Celso Moliterno

Existiu um istmo  
que eu quis afagar com a mão.  
Mas num biombo de espelhos  
o barco extraviou-se por imagens sangrentas...  
Rostos destruídos de fantasmas descabidos,  
quando uma lua estranha e azulada  
derrama sua luz plangente e exterminada  
que cintila ainda nas mãos ensanguentadas  
e por cemitérios de caminhos nevoentos  
desfilam espíritos poeirentos  
onde um Édipo pune-se no esquecimento...